

## 1.º Andamento

**Tropeça, esta marioneta. Desconjuntado, o corpo. Numa quase-queda. Quebra. Largaram o fio que sustenta a mão. Largaram. Mão morta, mão morta. É um tempo liso, por onde cai a mão. Por onde um velho passa a mão. Aberta. Tão liso como alguém que se cala. Uma voz atravessa o jardim. Uma voz de criança, no vazio desta sala. O velho levanta-se, fica a oscilar, volta a sentar-se, enquanto. Uns olhos, escondidos no ecrã, vão da acácia ao abutre, do manquejar de um cão a uma casa térrea. No vidro, o nariz amachucado, os lábios amachucados, o queixo amachucado de um rapazito, mãos espalmadas ao lado da cabeça. Risos, por entre as árvores. Um trapo azul corre. A fome chama-se coincidência. A fome de quem? de quê? De uma sombra, que é a palavra mortal de Deus. Quantos passos, quantos? para a mulher coincidir? Por enquanto, mulher e sombra estão unicamente ligadas pelo instante em que os pés tocam o chão. Um instante cada vez maior. Que se vai tornando um rasto: sinal para cães. Mamã dá licença? Dou. Quantos passos? Três à caranguejo. E a mulher cai. Onde? quando?: pergunta o velho, os dedos a tamborilar nas calças do pijama. Mão morta, mão morta, vai bater àquela porta. E a corrida recomeça: a palavra de Deus**

**está toda ela abrigada no momento em que o pé toca o chão. É uma imensa palavra, presente e ausente como um esquecimento. Sinto-me tão cansado: diz o velho. Mas os olhos abertos não podem não ver: a acácia, os abutres, o azul total, contra. Ele murmura: o azul dos olhos de Monica Vitti. Primitivo? O azul da palavra azul, quando Deus disse: azul. Uma cor que não pertencia a ninguém, a nada. No ecrã, a mulher não pára de correr. O velho abre os braços, numa desistência. Lembra-se: havia um cristo com um trapo à volta dos quadris, as pernas flectidas, os pés um sobre o outro, atravessados por um prego. E os braços abertos. Um cristo despregado da sua cruz, que tornava cruz o lugar onde o punham: uma parede, o tampo de uma mesa, ou o ar, quando o rapazito o erguia, a rir. Um riso total. Gritavam-lhe: cala-te. E o silêncio abria-se nos seus olhos. Idêntico ao do momento anterior ao grande princípio: todos os abutres, todos os escorpiões, todas as acácias, todos os cães, todas as dunas, no vazio incólume de uma palavra completa. As crianças vão de uma faia a outra. Escondem-se atrás dos troncos. Chamam. E o velho tapa os ouvidos: a dupla mudez da corrida da mulher. Persegue-a, rasteiro, o pó. Distantes e nítidas, as vozes: mão morta, mão morta vai bater àquela porta. Mão morta. Aquela porta: morta.**

\*

**Nasceu sem nome, esta mulher. Por isso, o velho não se pergunta: quem? Há pessoas que nos cruzam sem uma única interrogação. Mas, noutras, o nome que não têm interroga-nos como um dedo em riste.**

\*

**Bicho, é um bicho: murmura o homem. Curvado sobre a cara engelhada da criança. Onde falta carne, onde falta cara, onde falta tudo.**

— Que disseste?

— Nada.

**As mãos na dobra do lençol são as de uma mulher, com uma aliança no anelar.**

— Está a dormir?

**Ele vai dizer: está morto. Hesita. E diz:**

— Está.

**Uma mosca pousa no cobertor branco de papa. Gordas, esverdeadas, afaga as asas com as patas. Vem do berço um bafo morno, a leite azedo. Não se ouve respirar. O homem endireita-se: na parede branca, a pequena sombra de um prego. Um cortinado ondula, transparente.**

— Diz-me a verdade.

**Ele pensa: é um bicho. Mas pergunta:**

— o que é a verdade?

**E as mãos da mulher recuam na dobra do lençol.**

:

**Eis o que sobra de um corpo. Do corpo da mãe.**

— Quanto pesa?

— Quase não pesa.

**Risos.**

\*

**É o mesmo dia. É sempre. A corrida interminável de um trapo azul. Alguém abre uma porta: ainda? O velho encolhe os ombros e a porta fecha-se. Um vidro enorme cheio de gotas, trémulas. De gotas que se juntam a gotas. Crescem. E deslizam. Um riacho. Pela janela, ele via o**

**limoeiro. Ou melhor: ouvia-o. Nos dias de chuva, libertavam-se os nomes de todas as árvores. Cada uma delas tinha o seu próprio som. A professora batia palmas:**

- então?**
- os sons. Vêem-se.**
- não sejas parvo.**

**O som da chuva no limoeiro era diferente do som da chuva na laranjeira. E o som da chuva na laranjeira era diferente do som da chuva na romãzeira. Os nomes surgiam quando a chuva começava e desapareciam quando a chuva acabava. Entre dois sons, em simultâneo, há qualquer coisa que se recusa, ou se esconde. Os destroços? Ainda hoje, quando chove, o velho passeia por entre as árvores para ver se consegue, para ouvir se consegue, para sentir na pele da cara se consegue. Que está aí a fazer? pergunta-lhe uma criança. Quem? Esqueci-me do teu nome. Um nome que se esqueceu é a falta de um nome? Um nome é a falta de todos os nomes. Mas um nome que falta, o que é? Tu, o espaço que nos separa, o lugar vazio entre duas romãzeiras secas: o simultâneo tornou-se um precipício. Quando se ouvia Bach, diziam: é a música de Deus. E ele acrescentava: Deus só sabe dar a morte. Estamos para ali sentados à espera da apoteose. O grande final. Por isso. Por isso, o quê? Karlheinz. Quanto mais um som está separado de outro, mais próximo está do simultâneo, do inacabado: o vidro cheio de gotas, as árvores para lá da janela, a falta de nome das árvores, a voz das crianças: mão morta, mão morta, e ele a chorar e a dizer, sentado no banco: mãe morta, mãe morta, e a cara do rapazito esmagada contra o vidro, e o som de uma corrida na gravilha, e o branco da parede entre os limoeiros, e a criança que tem agarrado ao corpo o que**

**este velho esqueceu, e o gesto: um molde vazio, e uns olhos espantados, e Eichmann a estudar os horários dos comboios, para Auschwitz, Majdanek, Sobibor, e Salazar a dizer: a pátria não se discute, e nós ainda hoje com medo de discutir a pátria, e a professora a ensinar como se fala, como se escreve, e nós ainda hoje a falar e a escrever como se deve, e o passeio de barco em Neusiedler See, e o beijo na face de Jan, e o azul das caixas de Glifanan, e o pai a morrer: o simultâneo é a eternidade monstruosa dos homens, a eternidade ponto final.**

\*

**Um velho. Íntegro. Um corpo de ausências: desenhado com a brutalidade da minúcia.**

:

**Todos o vêem.**

:

**A exactidão de cada pormenor é nele um abandono.**

:

**Este velho pode ser lido até ao início. Aos inícios. Porque se dispersou pelas feridas de muitos nascimentos.**

:

**Cada passo que dá é uma viagem definitiva. Acabada. Está preso na distância entre um pé e outro. No silêncio entre uma palavra e outra. Riscam-lhe o nome. E ele torna-se inequívoco. Medonho. Nítido. Eichmann riscava**

(recapitulação)

O grande plano da cara de Monica Vitti, n'O Deserto Vermelho de Antonioni; Dirk Bogarde, à volta de um James Fox adormecido, em O Criado de Losey; Hinauf! Hinauf!, do